



**ENAN
PUR** 2023
Belém 22 a 26 de maio



Feira do Ver-o-Peso: origem, permanência e resistência

Flávia Ferreira Gomes
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos
Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará.
Silvio José de Lima Figueiredo
Doutor em Ciências da Comunicação (USP)
Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos
Amazônicos, Universidade Federal do Pará.

Sessão Temática 8: Movimentos Sociais e a Construção do Urbano Contemporâneo

Resumo: Este artigo tem como propósito refletir sobre a importância da feira do Ver-o-Peso, a maior feira livre da América Latina, com 395 anos de existência, que se constitui como símbolo econômico, social, cultural e turístico da cidade de Belém, Pará. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica. Buscou-se enfatizar sua importância a partir da sua organização, composição e diversidade, representando um amálgama de agentes, relações e significados. Aqui, a análise sugere que a permanência e resistência da feira do Ver-o-Peso está diretamente associada à sua origem, trajetória e a força de sua singularidade. Enfrentando, na atualidade, um cenário a princípio desfavorável à sua permanência as feiras livres resistem e se constituem como um espaço de trocas simbólicas, cujos sentidos estão para além da lógica urbano-cêntrica da ordem capitalista.

Palavras Chaves: Ver-o-Peso; origem; permanência; resistência.

Ver-o-Peso Fair: origin, permanence and resistance

Abstract: this article aims to reflect on the importance of the Ver-o-Peso fair, the largest free fair in Latin America, with 395 years of existence, which is an economic, social, cultural and tourist symbol of the city of Belém, Pará. Methodologically, it is a documental and bibliographical research. We sought to emphasize its importance from its organization, composition and diversity, representing an amalgam of agents, relationships and meanings. Here, the analysis suggests that the permanence and resistance of the Ver-o-Peso fair is directly associated with its origin, trajectory and the strength of its uniqueness. Facing, nowadays, a scenario that is initially unfavorable to their permanence, free markets resist and constitute themselves as a space of symbolic exchanges, whose meanings are beyond the urban-centric logic of the capitalista order.

Keywords: See Weight; Origin; Permanence; Resistance.

Feria Ver-o-Peso: origen, permanência y resistencia

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la feria Ver-o-Peso, la feria gratuita más grande de América Latina, con 395 años de existencia, que es un símbolo económico, social, cultural y turístico de la ciudad de Belém, Pará. Metodológicamente, se trata de una investigación documental y bibliográfica, se buscó resaltar su importancia a partir de su organización, composición y diversidad, representando una amalgama de agentes, relaciones y significados. Aquí, el análisis sugiere que la permanencia y resistencia de la feria Ver-o-Peso está directamente asociada con su origen, trayectoria y la fuerza de su singularidad. Frente a un escenario inicialmente desfavorable para su permanencia, los mercados libres resisten y se constituyen como un espacio de intercambios simbólicos, cuyos significados están más allá de la lógica urbano-céntrica del orden capitalista.

Palabras Clave: Ver-o-Peso; Fuente; Permanencia; Resistencia.

1. Notas Introdutórias

As feiras livres urbanas permanecem no espaço das cidades brasileiras como expressão do segmento econômico, mas também como um campo social complexo, expressão de tradição, cultura, permanência e resistência. Segundo dados do Departamento de Feiras, Mercados e Portos (DFMP) da Secretaria Municipal de Economia (SECON,2022) a cidade de Belém, Pará, conta com aproximadamente 32 feiras livres e 18 mercados, distribuídos pelos bairros da cidade. Esse quantitativo expressa a força, importância e resistência da feira no espaço urbano frente aos avanços de novas formas de consumo e de compras ditadas pelo ambiente virtual e também pela concorrência das grandes redes de comércio atacadista, representada pelos chamados atacadões, grandes redes que nos últimos anos vem se espalhando pela Região Metropolitana de Belém (RMB). Para demonstrar a importância e a permanência das feiras aqui, delimitamos a chamada Feira Mãe, a feira do Ver-o-Peso, como referência de análise.

Como esta feira permanece e resiste? Responder esta pergunta inicialmente parece fácil, quase um movimento automático, mas na verdade não é, porque ao fazê-lo corre-se o risco de cair no senso comum e responder apressadamente, que é pela diversidade de produtos, pelos preços acessíveis, ou outra resposta supostamente simples. A resposta passa necessariamente pela força de sua trajetória histórica e pela sua singularidade.

O Ver-o-Peso tem 395 anos de existência, possui aproximadamente 5.000 trabalhadores, distribuídos em mais de 11 setores, injeta na economia paraense 1 milhão de reais por dia, segundo dados do DIEESE-PARÁ¹.

Estima-se que a contribuição conjunta de todas as atividades do Complexo do Ver-o-Peso injete na economia paraense diariamente cerca de R\$ 1 milhão. Os dados levantados mais uma vez no estudo do Dieese/PA sobre o Complexo do Ver-o-Peso em Belém em relação principalmente as suas atividades impressionam a cada ano. No caso específico da movimentação do pescado no Ver-o-Peso, os números são gigantescos, acrescentou o Dieese/PA. O Estado está entre os maiores produtores de pescado do País, contribui com a balança comercial nacional com cerca de 20% de todo o pescado produzido. A produção paraense é de cerca de 300 mil toneladas ano - uma parte considerável dessa produção escoada diariamente pelo Complexo do Ver-o-Peso (O LIBERAL, 26/03/2019).

Além do pescado, há uma diversidade de produtos regionais e nacionais, importados e industrializados, comercializados nos setores que formam a feira. Esse microcosmo está localizado na área urbana de Belém, capital do estado do Pará, marcado pela interface de elementos da cultura e do espaço-tempo urbano, rural e ribeirinho encontrados em Belém. Sua diversidade de produtos, tamanho e abrangência lhe rendem o título de maior feira livre da América Latina, constitui-se num importante centro de abastecimento da capital e demais cidades da Região Metropolitana de Belém (RMB), além dos consumidores, exerce um forte impulso atrativo em visitantes e turistas, em busca de conhecer uma amostra de elementos importantes da cultura amazônica.

Portanto estar na feira do Ver Peso pode ser comparado ao movimento de abrir uma janela e olhar por ela, não para um objeto estático, meramente utilitário, um ícone midiaticizado, mas olhar para um espaço socialmente produzido que convida para vivenciar experiências ricas, nas trocas, nas interações sociais, no contato com o conhecimento produzido, nos costumes, na sua singularidade e na simbologia única de seus produtos, recursos e agentes, reunidos numa tradição que transformou uma feira ao longo de sua trajetória de 395 anos em um complexo muito além de relações comerciais, no “símbolo da identidade paraense de parte da alma de Belém” (LIMA, 2008, p.18).

Nesse contexto, este trabalho objetiva refletir sobre feira livre urbana, tomando como referência de pesquisa empírica o Ver-o-Peso, em Belém, Pará, apresentando sua origem e sua importância como um símbolo de permanência e resistência, que valoriza a participação e história de vida de seus trabalhadores. Este artigo apresenta dados secundários já tratados obtidos junto aos órgãos oficiais da Prefeitura Municipal de Belém, especificamente a Secretaria Municipal de Economia (SECON) e a Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL), além de levantamento documental e bibliográfico realizado no período de agosto de 2021 a novembro de 2022. Outrossim, informamos, que se trata de uma pesquisa qualitativa da tese de doutoramento deste autor, em andamento, tendo como primeiro procedimento operativo um levantamento bibliográfico e documental, seguida de uma análise dos documentos pesquisados, fundamentando a análise na concepção de desenvolvimento endógeno que assevera a importância dos determinantes sociais e culturais das comunidades (VÁSQUEZ BARQUERO, 2001).

O Ver-o-Peso tem uma área corresponde a mais de 25 mil metros quadrados, sendo constituído por dois mercados: O Mercado de Ferro (Mercado de Peixe), o Mercado de Carne (Mercado Francisco Bolonha), pelas praças: do Pescador e do Relógio, Solar da Beira, Pedra do Peixe, Feira aberta, Feira do Açaí, além dos outros equipamentos comerciais, tais como boxes e barracas. O complexo do Ver-o-Peso foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) em 1977, por suas características arquitetônicas.

2. Origem das Feiras

As feiras livres permanecem no espaço urbano das cidades brasileiras como expressão do segmento econômico, mas também como um campo social complexo, cujas origens remontam ainda a Antiguidade. O significado da palavra feira refere dias de repouso, folga, mas também dias de festas, dia de santos, feriado, sua origem vem do latim “feria” (SILVA, 2018). Na antiguidade, o

costume das festas e reuniões religiosas também contribuiu para o surgimento de aglomerações, nas quais, os comerciantes, aproveitando o fluxo de pessoas, nas proximidades dos templos, comercializavam nesses espaços seu excedente de produtos.

As feiras, enquanto espaço de trocas comerciais tem uma vinculação direta com o surgimento das atividades comerciais nas cidades ainda na Antiguidade. Na cidade de Ur, uma das três mais antigas, com aproximadamente 5000 a.C. localizada às margens do rio Eufrates, havia um porto, segundo Carlos (2005) que garantiria o controle do comércio marítimo da região, as “embarcações a remo, dali provenientes, desciam o rio até o porto de Eridu, prosseguindo depois para a Arábia e a Índia através do golfo Pérsico” (CARLOS, 2005, p.61). A autora alude a relação entre as cidades antigas e os rios, os portos e o conseqüente desenvolvimento de atividades comerciais, como aconteceu com a cidade de MohenjoDaro, atual Paquistão, sua economia era baseada na lavoura, pecuária e no comércio, com destaque para a produção de artesanato. Esta cidade manteria um intenso comércio com a Babilônia, cidade-Estado, com grande relevância política e econômica na Antiguidade.

Outra contribuição quanto ao surgimento das feiras na Antiguidade é dada por Silva (2018), que refere “as feiras livres são fenômenos sociais muito antigos, que já eram conhecidos desde os gregos e os romanos” (p.193). Citando Braudel Silva (2018), ressalta a associação do surgimento das feiras com a realização de festas religiosas, inclusive com a suspensão temporária das brigas entre as diferentes classes sociais, as feiras ocorriam em meio a dias de paz. Para a autora

Braudel (1979) descreve os mercados e feiras como espaços públicos, onde a dinâmica social flui de forma espontânea, principalmente pelo grande fluxo de pessoas. As feiras tomaram força na sociedade medieval quando surgiram como espaços de troca dos excedentes da produção (SILVA, 2018, p.193-194).

Completa destacando “o desenvolvimento das feiras foi importante para a introdução da moeda como base de troca de mercadoria, com intercâmbio para diferentes partes do mundo, surgindo destas transações comerciais a figura do cambista, que contribuiu para o surgimento das instituições bancárias” (SILVA, 2018, p. 195).

Também Sennet (2003) ao traçar a trajetória histórica da cidade medieval a partir do movimento dos corpos, inclui nessa narrativa a descrição do fluxo de mercadorias adquiridas nos portos, ao fazê-lo destaca a inauguração, no século VII, da feira Lendit no auge da Idade das Trevas, esta feira tinha então periodicidade anual. Completa citando o fluxo das mercadorias vindas dos portos em direção as feiras, “os mercadores transportavam as mercadorias adquiridas nas docas e pontes para as feiras, onde se realizavam negócios de maior vulto que nas ruas da cidade. Alguns artigos retornariam de lá e seriam revendidos, através da rota comercial, a outras localidades” (SENNET, 2003, p. 167-168).

Sampaio et al. (2018) ao descrever a origem das feiras faz uma digressão a 3.000 a.C., baseando-se nos registros de sumérios, que já organizavam suas transações comerciais em feiras, tais registros sugerem, segundo ele, a origem do uso da moeda para compra e venda de mercadorias na Europa e outras partes do mundo, “nessa trajetória, o surgimento de cambistas e comerciantes especializados na troca de moedas são exemplos de atividades originárias pelo

comércio das feiras, o que, mais tarde, daria origem aos bancos e banqueiros e, com eles, os novos sistemas de pagamentos, como letras de feira e letras de câmbio” (SAMPAIO et al., 2018, p. 41).

Já na Idade Média, na Europa com o surgimento do modo de produção feudal as relações entre produção e consumo mudam drasticamente, “enquanto que na Antiguidade o comércio impulsionava o crescimento das cidades e produzia um determinado espaço, no feudalismo, dentro do feudo produzia-se e consumia-se os próprios produtos, numa economia auto-suficiente, sem mercados e sem ligações” (CARLOS, 2005, p. 63). Essa auto suficiência desencadeou uma retração das atividades comerciais incidindo sobre o desenvolvimento das feiras. E no Brasil quando as feiras surgiram? Uma referência bastante interessante sobre esta origem nos é dada através do trabalho de pesquisa de Mott (1975),

Embora possamos descobrir inúmeras semelhanças na organização e estrutura dos atuais mercados e feiras dos diferentes países da América Latina, no que se refere a sua origem, podemos agrupa-los em duas categorias bem diversas. Em primeiro lugar, aqueles países que já possuíam praças de mercado antes da chegada dos conquistadores europeus. Entre estes, o México e a Guatemala, que possuíram os mais famosos e movimentados mercados pré-hispânicos de que se tem conhecimento. Quando Fernan Cortez chegou à cidade de Tenochtitlán, a capital do Império Asteca, encontrou aí um mercado que se realizava diariamente e que, segundo os cronistas, congregava por volta de 60.000 comerciantes (MOTT, 1975, p. 81).

No Brasil, conforme os estudos de Mott (1975) referentes ao período colonial, algumas informações fornecidas por cronistas da época sugerem que a população nativa desconhecia a feira como organização, conforme trecho a seguir,

Quanto à forma como se realizava tal comércio, dispomos apenas de uma referência: Jean de Léry (1557) nos diz que os tupinambá ao comerciarem com os guaitacá postavam-se a uma distância de mais ou menos uns 100 metros uns dos outros. Mostravam de longe os objetos que queriam permutar e deixávamo-nos por cima de uma pedra ou pedaço de pau a meio caminho entre os dois grupos. Vinham os guaitacá, examinavam os objetos ofertados, deixavam suas pedras e penas e levavam em troca as coisas deixadas pelos outros. Feita porem a troca, rompia-se a trégua entre os dois grupos e apenas ultrapassados os limites do lugar fixado para a permuta, procurava cada qual alcançar o outro a fim de arrebatá-lo a mercadoria (MOTT, 1975, p. 82).

No âmbito do Governo da Coroa Portuguesa a primeira legislação de cunho regular do comércio foi dada ainda

em 1534, o Rei de Portugal, D. Manuel I enviava a seguinte ordem ao Capitão Mor de Pernambuco: "Todas as pessoas assim de meus reinos e senhorios, como de fora deles, que à dita capitania forem, não poderão tratar, nem comprar, nem vender cousa alguma com os gentíios da terra, e tratarão somente com o Capitão e povoadores dela, comprando, vendendo e resgatando com eles tudo o que puder haver. E quem o contrário fizer, hei por bem que perca em dobro toda a mercadoria" (MOTT, 1975, p. 83).

E em 1548 D. João III envia ao 1º Governador Geral do Brasil a seguinte determinação: "Ordenareis que nas ditas vilas e povoações (da Bahia) se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira a que os gentíios possam vir vender o que tiverem e quiserem, e comprar o que houverem mister, e assim ordenareis que os eritãos não vão às aldeias dos gentíios a tratar com eles (9)" (MOTT, 1975, p. 83- 84). A transcrição da ordem de D. João III parece sugerir que a frequência às feiras estava respondendo não a uma estimulação ao desenvolvimento do comércio local em - processo de organização - ou mesmo das necessidades de alimentação da população, mas segundo Mott (1975) sugeria que novamente os interesses da Coroa Portuguesa e suas práticas já utilizadas em outras colônias as africanas, prevaleciam talvez pelo bom desempenho destas feiras nas cidades de Ceuta e Angola.

Quanto ao surgimento da primeira feira no Brasil, Mott (1975, p.85) afirma "não dispomos de nenhum documento que nos informe quando foi criada a primeira feira no Brasil". Para o autor há autores que apontam como a primeira feira brasileira, a feira de Capoame, no Recôncavo Baiano. Em síntese afirma que a imprecisão e insuficiência de registros históricos dificulta precisar a data de surgimento da primeira feira no Brasil, porém, parte da hipótese de duas causas que impulsionaram o surgimento das feiras no Brasil, o maior desenvolvimento demográfico e a diversificação econômica da colônia. Por essa perspectiva histórica e entendendo a forte ligação entre o surgimento das feiras como uma tradição colonial e as cidades, já no século XVII, na então Província do Grão Pará, a partir de um entreposto fiscal tem início a feira do Ver-o-Peso.

Dentre essas tradições temos a Feira do Ver-o-Peso, e sobre sua origem, recuperando as palavras de Cruz (1973) o Ver-o-Peso é uma tradição colonial, esta assertiva, dados os limites próprios de não ser um historiador de formação como Cruz, e não sendo, exponho aqui, meus limites. Parece-me então, possível refletir que para além de uma tradição colonial a feira do Ver-o-Peso já ensejava de forma embrionária ainda, constituir-se como um território privilegiado para o desenvolvimento e permanência de comercialização de produtos originários, da produção de conhecimentos, saberes e trocas simbólicas cuja origem remota ao século XVII e permanece nos dias atuais, com vigor e efervescência.

3. Ver-o-Peso

3.1 Localização do Ver-o-Peso

Figura 1: Imagem do Ver-o-Peso, 1875, Felipe Augusto Fidanza Albúmen



Fonte: Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

O Ver-o-Peso, Mercado do Ver-o-Peso ou Complexo do Ver-o-Peso (Figura 1) como é conhecido localiza-se no centro históricoⁱⁱ da cidade de Belém, capital do estado Pará, às margens da baía do Guajará, entrecortado pela Avenida Boulevard Castilho França, no bairro da Campina. Inserido no espaço urbano da cidade de Belém, reúne características que lhe revestem de uma singularidade única. Primeiro, trata-se da maior feira livre da América Latina, reproduz a fisiologia da cidade de Belém, uma interface entre o urbano e rural ribeirinho da Amazônia, às margens da baía do Guajará, trata-se de um importante “corredor de mercadorias regionais”, riqueza e biodiversidade, saberes, interações e símbolos da identidade (LEITÃO, 2010, p. 25).

A feira do Ver-o-Peso, Complexo do Ver-o-Peso ou Mercado do Ver-o-Peso, remonta ainda ao período da colonização portuguesa no século XVII, tem sua gênese histórica profundamente relacionada à instalação do entreposto aduaneiro Casa de Haver o Peso, posto de arrecadação alfandegária para tributação de impostos para a Coroa Portuguesa, localizado às margens do então alagadiço de Juçara ou igarapé do Piry, onde aportavam as canoas com produtos regionais, com conseqüente desenvolvimento de relações de trocas comerciais.

Neste núcleo urbano o incremento das exportações teria também contribuído para que a Coroa Portuguesa desse início ao processo de organização administrativa e econômica da colônia, seguindo os preceitos mercantilistas, uma exigência inerente às exportações corresponde ao controle fiscal, obtido com a taxaço de impostos, essa taxaço, visava igualmente saciar a avidez da Coroa Portuguesa sobre os produtos que embarcavam e desembarcavam na capitania do Grão Pará no século XVII (SOUZA, 2019).

Assim, a fundação da cidade de Santa Maria de Belém cumpria sua função de sedimentar a dominação econômica, cultural e social sobre a região. É nesse contexto que o modelo econômico exportador vai se formando e prosperando “no entorno da cidade de Belém, [...] com vários produtos tornando-se expressivos na pauta de exportações” (CASTRO e CAMPOS, 2015, p. 408). Gradativamente, na então província do Grão Pará tem início os processos de expansão urbana, atendendo o ideário desenvolvimentista eurocêntrico português que impôs obras tais como o aterramento da malha hidrográfica, modificando a morfologia da cidade.

Assim, entendemos juntamente com Cruz (1962;1973) que a casa de Ver-o-Peso foi um ponto de partida e a ela se somam outros como o avanço do processo de urbanização da cidade de Belém, somado com uma maior demanda por produtos motivada pelo aumento da população. Em 1750 o autor afirma tem início um aumento populacional e crescimento urbano, segundo ele alcançando neste ano cerca de 10.620 habitantes e 1.083 casas (CRUZ, 1973, p. 246), desencadeando a necessidade de abertura de caminhos que foram se transformaram em ruas, seguido do início da construção das primeiras edificações militares, civis e religiosas, exemplifica sua afirmativa citando a abertura de ruas, a primeira rua foi a Rua do Norte, seguida da Rua do Espírito Santo e Rua dos Cavaleiros, “antes de findar o século XVIII Belém estava dividida em duas Freguesias: a da Sé e a de Santana”, compreendendo respectivamente o bairro da Cidade e o bairro da Campina (CRUZ, 1973, p. 244). Nesse contexto de cidade em formação, gradativamente, o espaço onde se localiza o Ver-o-Peso vai se formando, juntamente com a cidade que crescia.

Historicamente, foram sendo produzidas as raízes embrionárias do que viria a se constituir como um porto de “embarque, desembarque, canoas e costumes” dando origem a feira do Ver-o-Peso, sendo comemorado oficialmente como data de sua fundação o dia 27 de março de 1627 (SILVA, 2016, p. 67; LIMA, 2008; CRUZ, 1962; CAMPELO, 2010).

Este trabalho compartilha da ideia destes autores quanto a origem do Ver-o-Peso, entendendo que naquele espaço onde se tinha um trapiche de madeira e uma balança fiscal gradativamente foi surgindo o maior centro de abastecimento da região, impulsionado também pelas demandas crescentes da população na cidade de Belém, em expansão.

Nos séculos seguintes se consolidou, passou por algumas modificações estruturais e permanece como um dos mais importantes centros de abastecimento de gêneros alimentícios da região até os dias atuais. Além de permear o imaginário social da população de Belém, como um símbolo de permanência e resistência da identidade, da cultura e da tradição construídas ao longo de sua trajetória pela força de seus agentes. A feira passou por algumas modificações, em relação à área foi concluída em 1913 e a última reforma teve ocorrido no período entre 1999 e 2002.

Mantendo uma centralidade na reprodução da vida econômica, social e cultural da cidade de Belém, a feira do Ver-o-Peso, se constitui, assim como um importante espaço público urbano, que pode ser caracterizado como um espaço, que nas cidades pós-modernas, pode exercer segundo CARDOSO et al. (2018) uma dupla função, tanto como espaço de trabalho como de lazer. E nesse sentido, o Ver-o-Peso na função de espaço de lazer, como um atrativo, é “um lugar de referência da cultura, divertimento, entretenimento, como uma amostra dos “produtos” simbólicos que a sociedade tem e é para lá que se dirigem os visitantes da cidade que querem ver o que pode ser classificado como identitário do lugar (obras, arte, exposições, etc.), na verdade típico do lugar” (CARDOSO et al., 2018, p. 120).

O complexo do Ver-o-Peso foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1977, por suas características arquitetônicas. E mais recentemente as trabalhadoras do setor de Boieiras, que são as vendedoras de refeições, foram reconhecidas como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém, através da Lei nº 9.393, de 31 de julho de 2018. É constituído pela: Feira do Ver-o-Peso – a feira aberta, Feira do Açaí, Mercado de Peixe ou Mercado de Ferro, Mercado de Carne ou Mercado Francisco Bolonha, Doca do Ver-o-Peso, Praça do Pescador, Praça do Relógio e Solar da Beira.

4. Organização, permanência e resistência

Em Belém, Pará, a gestão e o ordenamento das feiras livres e dos mercados públicos estão sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Economia (SECON/PMB), especificamente do Departamento de Feiras, Mercados e Portos (DFMP). Segundo o DFMP-SECON a feira corresponde a uma área de mais de 25 mil metros quadrados, conta com um contingente de trabalhadores de 744 permissionários, que são feirantes regularmente cadastrados pela SECON, no entanto, este número não representa a realidade de trabalhadores, pois, existem uma variedade de outros trabalhadores informais que compõem o universo cotidiano do Ver-o-Peso, como ajudantes, viradores,

seguranças, balanceiros, carregadores, vendedores variados, dentre tantos que circulam e trabalham diariamente na feira. Há ainda, os familiares dos feirantes que por determinados períodos trabalham na feira de forma informal e escapam às estatísticas. Quanto aos equipamentos existem 1.193 equipamentos, distribuídos na feira aberta e nos dois mercados pelos seguintes setores:

i) Na feira aberta: Alimentação, Artesanato, Aves e artigos para pássaros, Ervas Medicinais, Farinha, Hortifrutigranjeiros, Industrializados, Jardinagem, Marisco, Mercearia, Polpas e Congelados; ii) No Mercado de Carne ou Franciso Bolonha: Alimentação, Artesanato, Artigos umbanda/Ervas, Carnes, Farinha, Hortifrutigranjeiros, Industrializados, Frango abatido, Mariscos (camarão seco), Mercearia, Polpa/congelados, Vísceras, Serviços e Depósitos; iii) No Mercado de Peixe ou Mercado de Ferro: Alimentação, Artesanato, Artigos umbanda/Ervas, Frango resfriado, Industrializados, Mariscos, Mercearia, Polpa/congelados, Serviços, Pescado e Depósitos (DFMP/SECON/PMB, 2022).

Em relação aos agentes, a principal categoria são os trabalhadores, e em todo o Ver-o-Peso há uma gama de trabalhadores distribuídos nas atividades e serviços oferecidos, até o presente momento da pesquisa, foram identificados nos documentos pesquisados e nas observações já realizadas, os seguintes trabalhadores: permissionários, não-permissionários ou informais, vendedores ambulantes, carregadores, açougueiros, peixeiros, ajudantes, boeiras, balanceiros, barqueiros, seguranças, vendedores de rifas e afins, distribuídos além dos espaços acima na Feira do Açaí e na Pedra do Peixe.

Por toda a parte do Ver-o-Peso se observa trabalhadores, equipamentos e recursos que escapam ao registro oficial e sobre isto Leitão (2010) nos diz “afora os equipamentos oficiais, como bancas, box, talhos, lojas nos mercados de carne e de peixe, aparecem [...] outras designações de equipamentos, [...] carro de mão, carrinho, bicicleta cargueira” (LEITÃO, 2010, p. 31). Uma visita e já se observa o uso de lonas estendidas no chão no setor de industrializados, papelão servindo para expor os produtos, além de outros tipos equipamentos, como carrinhos de supermercado, bicicletas, mesas improvisadas, mostruários e painéis variados, essa disposição segue uma lógica, a lógica da feira, do vender, do aproximar as mercadorias do consumidor, assim a organização, a disposição e apresentação das mercadorias, atende a funcionalidade da feira e dos seus próprios sentidos.

Estes trabalhadores mantêm a feira em funcionamento com uma temporalidade própria, atrelada a seus múltiplos lugares, produtos, sentidos, pois,

Apesar de ser um lugar singular na cidade de Belém, com conteúdo material e imaterial, o Ver-o-Peso não pode ser encarado como espaço de compreensão única. Como nos conta Leite (2004), a diversificação simbólica dos lugares urbanos contemporâneos resulta em uma polissemia do lugar, permitindo que um mesmo espaço possa ser configurado de modo híbrido como diferentes lugares (CARDOSO et al., 2018, p.123).

Como exemplo da permanência a imagem a seguir retrata a feira do Ver-o-Peso em dois momentos históricos distintos, representando o antigo e o atual.

Figura 2: Duas Imagens do Ver-o-Peso, antigo e mais recente



Fonte: O Liberal, Portal G1, TV Liberal, publicado em 23/12/2015.

Como tradição a princípio a sua função econômica parece dominar a percepção sobre as feiras, pois como exemplo do segmento econômico, exerce sua função de centro de abastecimento comercial e ao fazê-lo contribui para a manutenção de espaços de comércio tradicionais, possibilitando inclusive a permanência de padrões produtivos caracterizados pela coexistência de práticas sociais, culturais tradicionais e contemporâneas sustentadas por estratégias que se renovam dinamizadas pelos seus trabalhadores, em especial os feirantes. Todavia, uma imersão no universo das feiras, e logo está visão se amplia, pois as feiras se constituem como lugares de encontros, de trocas, como expressão de patrimônio material e imaterial, cuja experiência produz sociabilidades ao forjar interações entre os trabalhadores consumidores, visitantes e turistas (CASTRO e SILVA, 2013; SILVA, 2018; SILVA, 2016, LIMA, 2008).

Enquanto patrimônio cultural é um campo social fértil para sociabilidades. Figueiredo (2020) fundamentado em Simmel (1983) corrobora na compreensão sobre o que são sociabilidades, conforme trecho a seguir: “a sociabilidade é um conceito há muito utilizado nas ciências sociais e ela é a razão de diversas práticas humanas que têm como objetivo a arte do encontro” e as feiras são essencialmente lugares de encontros, de movimentos para comprar, mas também para visitar, para experienciar a cultura local, expressa no artesanato, na gastronomia, nos sabores típicos, na contemplação do patrimônio arquitetônico, e nesse momento, inserem-se como atrativo turístico, ampliando a percepção da feira. Figueiredo (2020) ainda reforça afirmando que “a sociabilidade é um dos conceitos-chave do turismo, pois diz respeito ao contato, ao encontro com outros lugares, outras culturas e outras pessoas” (FIGUEIREDO, 2020, p. 13).

O Mercado do Ver-o-Peso, conhecido como “cartão postal” de Belém do Pará, é um espaço público de grande significação para a população da cidade amazônica, tanto em aspecto econômico e turístico, como cultural e simbólico (material e imaterial). Essa significação foi construída historicamente e de forma imbricada com a vida da cidade tornando-se uma espécie de síntese de sua cultura. O mercado do Ver-o-Peso não é, portanto, somente um espaço de compra e venda de produtos regionais e demais mercadorias. Sua significação para a cidade implica convergência de sentidos e práticas em relações de continuidade espaço-temporais (CARDOSO et al., 2018, p.120).

A resistência se dá por dá por meio do enfrentamento da lógica urbano cêntrica que dita novas formas de consumo e de compras. O Ver-o-Peso como as demais feiras espalhadas pelo Brasil, enfrentam à constituição de um cenário desfavorável à sua permanência que vem sendo desenhado dentre outras causas pelas novas modalidades de consumo e compras e pelos novos espaços de compras, como supermercados, hipermercados, rede de atacadões.

mesmo em tempos atuais de supermercados confortáveis e serviços de internet, existe uma espécie de saudade capaz de comover os mais renitentes. Ir ao Ver-o-Peso tem jeito de ritual de iniciação, tem relação direta com a infância [...] une o velho ao novo, o tradicional ao moderno; a elite ao popular, na medida em que é nos seus interstícios que as famílias ali se cruzam em suas compras rotineiras ou ritualísticas, como no período do Círio de Nazaré (CAMPELO, 2010, p. 45- 46).

Passados mais de uma década, na atualidade, no mainstream das compras pela internet é difícil negar o espaço ocupado por essas redes de compras, igual fenômeno se observa com o avanço das grandes redes atacadistas na Região Metropolitana de Belém, que passam a disputar público também com as feiras e os mercados dos bairros, ainda assim, decorridos doze anos da afirmação da autora a feira do Ver-o-Peso resiste, permanece no imaginário como um símbolo da cidade de Belém, continua a cumprir seu papel de importante centro de abastecimento, de entreposto de mercadorias como na sua origem.

Mas, se atualiza, enfrentando a concorrência desses novos espaços e redes de consumo, se apropria das novas estratégias do mercado, mas mantém seu diferencial através das trocas simbólicas, dos elementos da tradição e da cultura, e assim, seus enfrentamentos são definidores de sua força e centralidade, expressas também através de seus agentes que estão em processo de mobilização e organização criando e ocupando espaços de representação, como por exemplo através da criação do Instituto Ver-o-Peso, que congrega todos os feirantes da cidade de Belém.

4. Desenvolvimento endógeno

Sobre desenvolvimento Castro e Pinto (2018, p.11) asseveram que este debate implica uma leitura crítica sobre o “processo de estruturação do pensamento ocidental”, arguem que o termo foi cunhado sob a égide das teorias do século XX, no momento histórico acabou por se imbricar com crescimento econômico, não considerando os impactos sociais e ambientais, sendo necessário, inserir nesse debate as questões sociais e ambientais, os atores e

seus processos. Na década de 1970 o debate sobre desenvolvimento se intensifica, em parte impulsionado pela crise do capital.

É nesta década que segundo Vásquez Barquero (2001) tem início profundas formulações nos conceitos de crescimento econômico e das políticas de desenvolvimento, assim como também nas estratégias de localização das empresas e na mobilidade do capital em se reestruturar diante das crises cíclicas. Em relação ao ambiente político tanto na América Latina quanto na Europa a “descentralização política permitia às cidades e às regiões assumirem, em maior e ou menor grau, novas atribuições na área econômica” (VÁSQUEZ BARQUERO, 2001, p.10). Neste período o que se observa é o agravamento das disputas pelos países, por meio de uma intensificação das competições econômicas e políticas. Entendendo este cenário, se compreende a configuração sócio-histórica, que nos anos 1990, se desenhava e sobre a qual foram gestadas as condições para o surgimento de novas políticas de desenvolvimento regional e local, na esteira dessas transformações os sistemas produtivos locais com vistas ao desenvolvimento local também passam ser mais observados.

É nesse entorno de transformações econômicas, organizacionais, tecnológicas, políticas e institucionais que surge o conceito de desenvolvimento endógeno. Este encara o desenvolvimento econômico com o sendo resultante da aplicação do conhecimento aos processos produtivos e da utilização das economias externas geradas nos sistemas produtivos e nas cidades, o que resulta em rendimentos crescente econômico (VÁSQUEZ BARQUERO, 2001, p. 10).

Este tipo de desenvolvimento enfatiza a participação local da comunidade no processo decisório para além da lógica dos lucros óbitos pela divisão internacional do trabalho, privilegiando o bem estar econômico, cultural e social da comunidade, assim assume como referências as dimensões culturais e sociais da comunidade como estratégias de organização. O desenvolvimento endógeno é autocentrado de baixo para cima (VÁSQUEZ BARQUERO, 2001). Este autor diz que “a teoria do desenvolvimento endógeno considera que a acumulação do capital e o progresso são indiscutivelmente fatores-chave no crescimento econômico, identifica um caminho para o desenvolvimento autosustentado de caráter endógeno, reconhece a existência de rendimentos crescentes no tocante aos fatores acumulativos, enfatiza o papel dos atores econômicos privados e públicos nas decisões de investimento e localização” (VÁSQUEZ BARQUERO, 2001, p.18-19).

O autor cita como determinantes o “desenvolvimento difuso, organização dos sistemas de produção local, aprendizagem e difusão das inovações, a cultura e os valores próprios do território e a política de desenvolvimento local” (p. 38). Estes determinantes formam um amálgama e ao fazê-lo constituem uma estratégia de ação no âmbito local, que podem fortalecer as capacidades locais, e ao fazê-lo podem enfrentar melhor as imposições das empresas externas (VÁSQUEZ BARQUERO, 2001, p. 39). A princípio a teoria do desenvolvimento endógeno poderia ser tomada tão somente para compreender as mudanças estruturais, dentro da sociedade, a dinâmica produtiva nas formas e organização e cultura dos sistemas produtivos locais.

Essa ideia sobre o desenvolvimento endógeno valoriza a iniciativa dos atores locais, a capacidade de utilizar o potencial dos recursos disponíveis, o que sugere o aproveitamento da diversidade local e não apenas uma

organização baseada nos fatores externos, pressupõe um papel ao território e a cidade determinantes, pois “a cidade e o processo produtivo participam de um processo comum (VÁSQUEZ BARQUERO, 2001, p. 23), enquanto o “território é um agente de transformação social”, não podendo ser reduzido a um mero suporte funcional dos processos produtivos, e nesse sentido, reforça o enfoque relacional do desenvolvimento endógeno, pois segundo o autor a dimensão territorial se dá não apenas pelo efeito espacial dos processos produtivos, mas da história que configurou-os. Tendo como ponto de partida os sistemas produtivos locais, cujo componente sociocultural tem valor estratégico e diferencial, estes sistemas produtivos locais ocorrem em “áreas caracterizadas por um sistema sociocultural território” (VÁSQUEZ BARQUERO, 2001, p. 48).

O desenvolvimento endógeno está então voltado para a ação, “o que dá as comunidades locais e regionais a possibilidade de enfrentarem os desafios colocados pelo aumento da concorrência”, podendo ser articulado “entorno de qualquer atividade (agrícola, industrial ou de serviços)”, contrapõe-se ao paradigma do desenvolvimento meramente econômico, está baseado na utilização do potencial dos recursos existentes pelos atores locais formando uma rede de relações econômicas, sociais, culturais, ambientais e políticas assim, em tese favorece a melhoria do bem estar social para a produção de bens e de trocas (VÁSQUEZ BARQUERO, 2001).

Essa perspectiva sobre a teoria do desenvolvimento endógeno pode servir como uma das chaves teóricas para compreensão da permanência e resistência da feira do Ver-o-Peso, pois embora a feira do Ver-o-Peso venha enfrentando as consequências deste cenário, ainda assim, a feira resiste, se ressignifica e permanece como um símbolo de identidade da cidade de Belém atraindo consumidores, visitantes e turistas motivados pelo conjunto de experiências econômicas, sociais, turísticas e culturais que ele oportuniza.

5. Algumas considerações

Há então uma grande questão a ser compreendida no debate sobre a feira como expressão de permanência e resistência, pois se constitui como um campo, na concepção de Bourdieu (2009) onde o *Habitus* dos agentes que compõem este campo pode nos dizer muito sobre os elementos dessa permanência, assim como os mecanismos estruturais e estruturantes que não apenas lhe sustentam como impulsionam novos processos. Entendemos fundamentados em Cardoso et al. (2018) como o Ver-o-Peso como “um lugar singular na cidade de Belém, com conteúdo material e imaterial” e por isso “não pode ser encarado como espaço de compreensão única” (CARDOSO et al., 2018, p. 123).

Percepção também encontrada nas palavras de Joseph (2004, p. 42) que afirma que o Ver-o-Peso é “um lugar de movimento da cidade”, uma cidade dentro da cidade. Sob esta perspectiva parece-nos interessante refletir chamando atenção para a feira como um território de permanência e resistência, através do desenvolvimento de estratégias, saberes, cultura, valorização de formas de trabalho e organização genuínas e singulares que se aproxima das principais asserções do pensamento decolonial e do desenvolvimento endógeno (CASTRO e PINTO, 2018; VÁSQUEZ BARQUERO, 2001).

6. Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CAMPELO, Marilu Márcia. **Conflito e espacialidades de um mercado Belém**. In: *Ver-o-Peso: estudos antropológicos no Mercado de Belém*. Wilma Marques Leitão (Org). Belém: NAEA/UFGA, 2010.

CARDOSO, Silvia Laura et al. **Performances endêmicas no Mercado do Ver-o-Peso, Belém do Pará**. *Revista Paisagens Híbridas*, v. 1, Nº 2, 2018, UFRJ, ISSN: 25959638.

CASTRO, Edna, CAMPOS, Índio (Orgs). **Formação socioeconômica da Amazônia**. Belém:NAEA, 2015. 640 p.

CASTRO, Edna, PINTO, Renan Freitas (Orgs). **Decolonialidade e sociologia na América Latina**. Belém:NAEA:UFGA, 2018.394 p.;22cm ISBN:978-85.

CASTRO, Edna, SILVA, Iraneide Souza. **Interações rural-urbano: a sociobiodiversidade e o trabalho em portos, feiras e mercados de Belém-Pará**. *Novos Cardenos NAEA*. v. 16 n.1. p 109-126. ISSN: 1516-6481 – Eletrônica ISSN: 2179-7536. Belém, 2013.

CRUZ, E. **O ver-o-pêso: um capítulo da História colonial do Pará**. *Revista de História*, [S. l.], v.24, n. 50, p. 519-526, 1962. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1962.121648. Disponível em:<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/121648>. Acesso em: 31 março de 2022.

CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. Belém: UFGA, 1973. 2 v. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo). Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/89>. Acesso em:07/07/2022.

FIGUEIREDO, S. L. **Turismo e pandemia: impactos e estruturação das práticas e políticas no Brasil e estado do Pará**. *Paper do NAEA*, v. 1, n. 3, Edição/Série 473 (Dossiê Crise e Pandemia), 2020.

JOSEPH, Isaac. **Belém: paisagem, coisa pública**. *Relatório Espaços Públicos e Serviços Públicos em Belém*, 2004, p. 41-90.

LEITÃO, Wilma Marques (Org.). **Ver o Peso: estudos antropológicos no Mercado de Belém**. Belém: NAEA, 2010.

LIMA, Maria Doroteia de. **Ver-o-Peso, patrimônio (s) e Práticas Sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará**. Dissertação de

Mestrado – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém, 2008.

MOTT, Luiz R. B. **Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil.** Revista de História, Universidade de São Paulo, v. 53, p. 81-106, 1975. Disponível em: <<https://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/105/a05n105op.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2022.

MUMFORD, L. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Portal G1. **VER-O-PESO é eleito símbolo dos 400 anos de Belém.** G1 Pará, 23/12/2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/belem-400-anos/noticia/2015/12/ver-o-peso-e-eleito-simbolo-dos-400-anos-de-belem.html>. Acesso em: 16 outubro de 2021.

SAMPAIO, et al. **Encadeamento ecossocioeconômico e gestão urbana:** um estudo das feiras livres na cidade de Curitiba (PR). Novos Cadernos NAEA v. 21, n. 1, p. 35-56, jan-abr 2018, ISSN 1516-6481 / 2179-7536.

SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENNET, R. **Carne e Pedra:** o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3ª ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Ana Claudia dos Santos da Silva. **Memória e Resistência:** os marcos sociais da memória de feirantes e moradores do bairro da Terra Firme, em Belém-PA. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, NAEA. Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SILVA, Luiz de Jesus Dias. **Pedra, Redes e Malhas na circulação do pescado do Ver-o-Peso ao meio urbano de Belém do Pará.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia:** do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. 1ª ed. Ed. Record: Rio de Janeiro, São Paulo, 2019, 392 p.

VÁZQUEZ BARQUERO, A. V. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização.** Porto Alegre: FEE/UFRGS, 2001, 278 p.

ⁱ Ver mais em Jornal O Liberal, 26/03/2019. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/complexo-do-ver-peso-movimenta-r-1-milh%C3%A3o-por-dia-1.98984>.

ii O Centro histórico de Belém foi tombado pela Lei Orgânica Municipal e delimitado pela Lei de Desenvolvimento Urbano nº 7.401 de 29 de janeiro de 1988.